

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**PRISCILA LOPES DA SILVEIRA**

**LITERATURA INFANTIL E A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA COMO  
MEDIADORA**

**SÃO LEOPOLDO**  
**2021**

PRISCILA LOPES DA SILVEIRA

**LITERATURA INFANTIL E A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA COMO  
MEDIADORA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial  
para obtenção do título de  
Licenciado em Pedagogia, pelo  
Curso de Pedagogia da  
Universidade do Vale do Rio dos  
Sinos - UNISINOS

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Juliana Fátima da Silva Chaves

São Leopoldo

2021

## **AGRADECIMENTOS**

Ao longo desses anos em que me encontro na Unisinos, tenho muito a agradecer às pessoas que sempre estiveram ao meu lado.

Gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus, por ter me dado força para enfrentar todas as barreiras e eu chegar até aqui.

À minha família, aos meus pais, que encontravam sempre belas palavras de incentivo, para que eu nunca desistisse.

À minha filha, Pietra, que veio em boa hora para que, nos seus olhos, eu buscasse forças para continuar. Ao meu marido, Lucas, que estava ali me apoiando em todos os momentos.

Ao meu irmão e aos meus sobrinhos, que, com seu jeito simples, se encontravam lado a lado nessa caminhada.

À minha orientadora, Juliana Chaves, que sempre que pude esteve me auxiliando e dando belas orientações.

Neste momento, só posso deixar o meu muito obrigado !

Lemos para dar conta da realidade e de todos os desafios que dela recebemos ou a ela impomos. A cidadania é a referência maior. Uma democracia de qualidade só é possível com uma população que sabe pensar. Saber pensar inclui, entre outros ingredientes, saber ler. "(DEMO, 2007, p.7).

## RESUMO

A introdução da criança no mundo da leitura é algo de extrema importância e relevância para sua vida, ligando-se à construção de conhecimentos, às possibilidades de argumentação, permitindo uma leitura da realidade e da vida em sociedade. Além disso, contribui no processo de construção do pensamento, por meio da imaginação, produzindo sentidos e hábitos que se estendem ao longo da vida. O presente trabalho buscou analisar qual a importância do incentivo à leitura, por parte da família, tendo como hipótese principal que o incentivo à leitura ultrapassando os muros da escola e adentrando no ambiente familiar tem um papel fundamental para a promoção de uma educação literária com as crianças, despertando e estimulando o interesse das crianças ao mundo da leitura. Os principais autores que foram utilizados no estudo são Suzana Pacheco (1994), Abramovick (1997), Pedro Demo (2007), Elias José (2009), Paula e Fernandes (2014), Chaves (2015) e Dalla Zen (2011). Resultou-se que a leitura, quando incentivada no ambiente familiar, gera uma resposta positiva na vida das crianças, gerando interesse pela leitura e o hábito de ler, fazendo com que as crianças, em determinado momento, busquem a leitura por conta própria.

**Palavras-chave:** Infância. Leitura literária. Família. Mediador de leitura. Prazer literário.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 - Contextualização das famílias.....</b>	<b>26</b>
<b>Quadro 2 - Contextualização das crianças .....</b>	<b>26</b>
<b>Quadro 3 - Você possui o hábito de ler? O que você gosta de ler? .....</b>	<b>28</b>
<b>Quadro 4 - Você costuma ler para a criança? Em caso positivo, qual o tempo semanal que costumam dedicar a esse hábito? .....</b>	<b>28</b>
<b>Quadro 5 - Como são esses momentos de leitura? .....</b>	<b>30</b>
<b>Quadro 6 - A escola tem algum projeto de leitura? Participam de atividades ou são convidados a participar? .....</b>	<b>30</b>
<b>Quadro 7 - Você gosta de ler?.....</b>	<b>32</b>
<b>Quadro 8 - O que você costuma ler? E o que mais gosta de ler?.....</b>	<b>32</b>
<b>Quadro 9 - Na escola existem projetos de leituras? Sua família é convidada a participar? .....</b>	<b>33</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. REFLEXÕES SOBRE LEITURA, EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS E A MEDIAÇÃO DA FAMÍLIA .....</b>	<b>12</b>
2.1 LEITURA E EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS SIGNIFICATIVAS: A FUNÇÃO DA ESCOLA.....	12
2.2 REPERTÓRIO LITERÁRIO NO CONTEXTO DA FAMÍLIA.....	16
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>22</b>
3.1 SOBRE OS INSTRUMENTOS PARA FAMÍLIA E PARA A CRIANÇA.....	23
3.2 ESCOLHA DOS PARTICIPANTES .....	25
<b>4 UNIDADES DE ANÁLISE .....</b>	<b>27</b>
4.1 UNIDADE DE ANÁLISE: CONTRIBUIÇÕES DA FAMÍLIA.....	27
4.2. UNIDADE DE ANÁLISE: EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS QUE A FAMÍLIA APRESENTA PARA SEUS FILHOS .....	31
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao iniciar a atividade acadêmica (TCC I), momento em que é elaborada a escrita do projeto do trabalho de conclusão de curso, dei início ao estudo sobre a literatura surda, objetivando focar em como se dá o letramento literário para surdos. Entretanto, no decorrer dos estudos sobre a literatura, acabei me interessando pelo tema da literatura infantojuvenil. Assim sendo, o presente trabalho tem como objetivo desenvolver uma pesquisa no campo da literatura infantojuvenil, buscando compreender qual o papel da família nesse processo de incentivo à leitura.

Uma das minhas inspirações para esta investigação é a relação que observo do meu sobrinho Kevyn (14 anos) com os livros. Sempre muito interessado pela leitura e por coleção de livros, que eram os presentes de que ele mais gostava, demonstrava muito orgulho pela sua estante de livros. Observando essa ligação do menino com a leitura, surgiram alguns questionamentos: de onde veio esse interesse, ainda tão jovem? Esse interesse veio do incentivo da família à leitura e por presentear com livros? Ou foi na escola, em alguma atividade diferenciada, com esses objetos de leitura? Parei, então, para refletir sobre a minha infância, quando esse desejo de leitura não era o que me encantava nem me trazia prazer em fazer em meus dias livres, pelo contrário, sempre foi muito difícil ter que parar para ler um livro para algum trabalho.

A partir daí, comecei a modificar a minha forma de pensar sobre a importância da literatura, tanto em casa como em meu local de trabalho. Sou professora há alguns anos, em uma Escola de Educação Infantil da rede privada, onde atuo com crianças de 0 a 2 anos. Com a crise pandêmica, causada pela COVID-19, desde o início de 2020, todas as instituições da sociedade buscaram se reinventar e se adaptar ao contexto de isolamento social, de modo que a escola vive outra realidade, o ensino remoto. Esse contexto apresenta muitas dificuldades e desafios para os professores, pois o fato de fazer da sua casa a sala de aula é algo extremamente cansativo, precisando dispor de materiais e criatividade para realizar o que seria feito em sala de aula com certa rotina.

Nessa conjuntura, na escola em que trabalho, foi criada a “Hora do conto”, que consiste na realização de um vídeo, quinzenalmente. Na atividade, cada professor conta uma história para seus alunos, sendo o vídeo enviado às suas respectivas famílias. O intuito de tal atividade é fazer com que os alunos não percam

o prazer pela leitura e pelas histórias, ao mesmo tempo em que incentiva a família a parar e participar desse momento com a criança.

Esse cenário fez-me retomar os estudos do trabalho de conclusão, o qual havia sido cancelado em virtude de uma situação de saúde que me impossibilitou de concluí-lo. Optei, assim, por seguir estudando sobre a leitura e reorganizei os dados que já haviam sido capturados em 2019, seguindo o foco da compreensão sobre os estímulos da família para a formação de futuros leitores.

Segundo Paulo Freire (2005), para ler não é necessário que estejamos totalmente alfabetizados, pois a leitura faz-se de diversas formas em nossa vida. O patrono da educação brasileira ainda destaca que “desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos “lendo”, bem ou mal, o mundo que nos cerca.” (FREIRE, 2005, p. 71).

Por vezes, paro para pensar se as crianças que hoje eu incentivo na escola a conhecerem o mundo letrado serão grandes leitores no futuro, ou apenas vão ler por obrigação, como muitos adultos de hoje, que, muitas vezes, não têm tempo ou até mesmo preferem outro hobby para passar suas horas vagas. Nesse sentido, vale destacar que,

ao longo da história, a leitura vem sendo muito freqüentemente vinculada à escola. Essa relação se dá pelo fato de a escola ser a instituição responsável pela educação formal dos alunos: a alfabetização. Além de ser o espaço mais comum onde as pessoas são alfabetizadas, a escola, muitas vezes, é o único lugar onde os alunos têm acesso a textos e livros. [...] (PAULA; FERNANDES, 2014, p. 590)

A escola é, pois, um ambiente propício para se formar leitores, uma vez que proporciona momentos lúdicos de leitura e contato com diversos livros, revistas e jornais. Assim sendo, a instituição de ensino tem um papel fundamental na formação de leitores, capaz de estruturar a relação do aluno com a leitura ou, então, fazer com que se torne um fardo. Conforme apontam Paula e Fernandes (2014, p. 590), “mais do que se ensinar essa tarefa, é necessário que se ensine a gostar de realizá-la, pois, a leitura, mais do que um hábito, necessita ser um prazer para os leitores desde a sua aquisição.”

Quando realizamos uma leitura com vontade e com prazer, podemos acabar desenvolvendo o hábito e realizar essa atividade mais vezes, pois criamos uma

rotina e isso faz com que nos sintamos produtivos, sem falar que ao lermos um livro, um jornal, por exemplo, melhoramos nossa leitura e a escrita de nosso texto.

Através da leitura, a criança entra no mundo da imaginação, no enredo da história, e vivenciam diferentes tipos de emoções, como felicidade, tristeza, angústia, amor, raiva, entre outros. Então, me perguntei por que as crianças parecem estar perdendo o hábito de ler? Por que as crianças estão conectadas, desde cedo, no celular, ao invés de manusear e ler um livro ou de pedir para seus pais lerem uma história de que gostam? As crianças têm acesso à literatura no contexto familiar?

Questionando mais profundamente sobre essa relação das crianças com a literatura, formulei o seguinte problema para o estudo: quais as contribuições da família no contato das crianças com a literatura infantojuvenil? Que experiências literárias são proporcionadas no contexto familiar?

Para obter as respostas, em 2019, realizei entrevistas com famílias, envolvendo o responsável e as crianças entre 10 e 11 anos. A análise foi feita a partir das respostas, procurando identificar categorias que me ajudassem a trazer possíveis interpretações para a resolução da problematização, buscando agrupar e dar sentido ao material das análises.

Segundo Chaves (2015, p. 7), “[...] pensar a Literatura enquanto vida, dentro e fora da escola, é como inúmeras possibilidades de criação [...]”. Podemos compreender, assim, a leitura literária como uma dimensão importante na nossa vida, de modo que as crianças que têm a possibilidade de vivenciar momentos literários com as famílias e na escola desenvolvem a imaginação de uma forma criativa (CHAVES, 2015).

Para as crianças, é muito importante o contato com as histórias, mesmo antes do aprendizado da leitura formal. Para tanto, é necessário lermos para elas, pois, dessa forma, incentivaremos o gosto pela leitura, o prazer pela narrativa. Conforme Abramovick (1997, p. 17),

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, histórias...Escutá-las é início de aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo.

Possibilitar esse momento de escuta e interação com as histórias é uma experiência muito significativa para as crianças, uma vez que, quando lemos para elas, estamos estimulando a sua imaginação, compartilhando o prazer da leitura.

Nesse sentido, destacam-se os autores estudados para compor este trabalho, os quais abordam, sob diferentes perspectivas, a importância da vivência das crianças com as histórias narradas: Elias José (2009), Dalla Zen (2011), Pedro Demo (2007), Suzana Pacheco (1994).

A partir do problema de pesquisa e do objetivo geral, ambos já explicitados, este trabalho foi organizado em cinco capítulos. Inicialmente, introduzimos o assunto e, no capítulo dois, buscamos compreender os principais termos da literatura e sua relação com a família. A seguir, trazemos a metodologia da pesquisa, em que apresentamos o tipo de pesquisa e a escolha dos entrevistados. No quarto capítulo, são analisados os dados, divididos entre unidade de análise 1, em que são explanadas as contribuições da família para o hábito de leitura da criança, e unidade de análise 2, em que são explanadas as experiências literárias que as famílias apresentam a seus filhos. Por fim, são apresentadas as considerações finais, que procuram refletir acerca dos resultados do estudo para a minha formação acadêmica, seguidas das referências bibliográficas.

## 2. REFLEXÕES SOBRE LEITURA, EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS E A MEDIAÇÃO DA FAMÍLIA

Este capítulo busca aprofundar os estudos sobre a leitura na vida das crianças, a fim de compreender como as experiências literárias contribuem para o desenvolvimento do hábito da leitura, bem como a função da escola e da família na formação desse hábito.

### 2.1 LEITURA E EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS SIGNIFICATIVAS: A FUNÇÃO DA ESCOLA

Inicialmente, é preciso pensar na leitura como formação, estando ela diretamente ligada à subjetividade de cada indivíduo. Larrosa (2007, p. 130) compreende isso ao dizer que existe um processo em que se tem

a leitura como formação e a formação como leitura. Pensar a leitura como formação implica pensá-la como uma atividade que tem a ver com a subjetividade do leitor: não só com o que o leitor sabe, mas também com aquilo que é.

Algumas leituras impostas aos alunos não se conectam à sua subjetividade e, conseqüentemente, o leitor perde o interesse pela leitura em questão. O aprendizado vem desse interesse, dessa vontade por aprender, motivando suas ações (BARCELOS, 2013). O professor, nesse sentido, é um mediador importante entre o aluno e a literatura.

Todavia, faz-se necessário, ser referência e, para além do conteúdo, criar um ambiente propício, de modo a fornecer instrumentos para reflexão e discussão dos alunos (BARCELOS, 2013). De acordo com Paula e Fernandes (2014, p. 591),

No trabalho com a leitura de obras literárias, a primeira ação do professor, muitas vezes, parece ser a de conferir se o aluno realmente leu o texto, tratando a literatura de maneira objetiva, ou com perguntas óbvias sobre o enredo e personagens, sem buscar ampliar essa primeira leitura, ou ainda por meio de abordagens que envolvem crítica literária e outras relações do texto com a sociedade.

Quando penso em literatura, logo me remeto às aulas de português, quando tínhamos uma lista de livros e tínhamos que escolher um para ler e depois apresentar para os colegas. Vale lembrar que esses livros tinham muitas páginas e nem sempre eram do gosto dos alunos, o que tornava a tarefa de leitura cansativa e,

muitas vezes, frustrante. Nesse sentido, cabe considerar que, quando é colocada em prática uma metodologia rígida ou os títulos são impostos para leitura, pode-se causar uma repulsa aos alunos, pois existem obras literárias cuja abordagem necessita de mediação, de preparação, abordagens mais inventivas para que os alunos se sintam instigados e possam atribuir significado à leitura realizada.

Ademais, a leitura e a subjetividade estão diretamente ligadas às necessidades das crianças. Isso fica explícito na pesquisa de Pacheco (1994, p. 65), na qual não havia imposições relacionadas ao tipo de material ou à quantidade de leitura que deveria ser realizada, entretanto frente à ampla liberdade e quantidade de materiais expostos, as crianças demonstraram certo desconforto. Para a autora, isso demonstra que as crianças participantes da pesquisa já estavam acostumadas a ser delimitadas a algumas escolhas em determinadas atividades, e quando se viram frente à possibilidade de escolherem um material literário de seu interesse para fazerem a leitura, ocorreu uma certa insegurança. Pacheco (1994, p. 64) explica que as crianças queriam melhorar a leitura, ao expor que

[...] uma das crianças fala assim: - "Ah, porque eu achei que eu podia ir bem... eu tava mal em lê; assim, eu começava a fazer assim quando eu lia, assim, que nem a Alessandra: "O ... meu ... irmão ..." assim, parando, né. Eu vou devagar demais e gaguejando, né. Agora quando eu leio os livrinhos eu vejo que eu to mais melhor.

De certa forma, elas compreendiam que participar dessa atividade contribuiria para melhorar a leitura. Além disso, ao "ler de forma errada", corre-se o risco de ser alvo de piadas dos colegas, o que, por vezes, acontece nas escolas, ou seja, quando uma criança lê mais devagar ou erra a pronúncia de uma palavra na hora da leitura em grupo, cria-se certo constrangimento, o que, por vezes, pode bloquear o hábito de ler.

Algumas crianças têm contato com livros e leituras em casa, onde a família estimula o hábito da leitura com base em suas próprias experiências com narrativas literárias diversas, por exemplo: livros, quadrinhos, músicas, filmes, entre outros. Já as crianças que não têm esse mesmo acesso ao repertório literário, encontram na escola, por meio da mediação dos professores, oportunidades de vivenciar experiências literárias significativas.

Para tanto, faz-se necessário engajamento docente. Nesse sentido, apresentamos uma experiência da autora Zen (2011) com um grupo de crianças. Em determinado encontro, ela levou para a sala de aula alguns livros de autores

famosos da literatura infantojuvenil - as obras atendiam a todos os gostos. No desenvolvimento da atividade, ela fez um leque de livros sobre uma mesa e começou a explicar sobre os autores e suas obras. A forma com que a autora conseguiu engajar as crianças foi tão expressiva que, mesmo antes de determinar a atividade, as crianças já estavam envolvidas, lendo os livros. Zen (2011) também chama atenção para as diferentes formas de leitura, como a “leitura silenciosa e a leitura compartilhada”.

Alguns liam em silêncio, fazendo daquele momento um encontro entre leitor e texto. Era como se tivessem desligado o botão e saído do ar. [...] outros preferiram a leitura compartilhada. Num canto da sala, risos, caretas e comentários (ZEN, 2011, p. 71).

Nessa perspectiva, devemos compreender que a escola tem um papel importante nesse processo de formação do leitor, disponibilizando tempo e espaço para que, com abordagens inventivas, as crianças experimentem momentos prazerosos de leitura. Os professores são fundamentais nessa função de dar acesso, planejar e mediar essas situações para que sejam significativas para os alunos. Para tanto, podem ser explorados ambientes diversificados, além da biblioteca, espaço importante nesse cenário. De acordo com Paula e Fernandes (2014, p. 590),

[...] Também é importante que a escola disponha de condições favoráveis para a prática de leitura, colocando à disposição dos alunos uma biblioteca bem equipada, com materiais variados (gêneros diversos, temáticas variadas, de diferentes autores e épocas): a parceria entre biblioteca e sala de aula é essencial no processo de formação de leitores.

Essa parceria entre os professores e o/a bibliotecário/a ou pessoa responsável pelos ambientes da biblioteca torna muito produtivo o planejamento dos momentos literários. Além de disponibilizar livros para os alunos levarem para casa, possibilita a criação de vínculos entre o aluno e o acervo literário, visto que, por muitas vezes, eles não possuem um material para a prática da leitura no contexto familiar, podendo, assim, ampliar suas experiências com a leitura.

Para o autor Elias José (2009), a valorização dos estímulos é uma forma de permitir que as crianças possam viver a infância e não ser uma miniatura do adulto. Nas palavras do autor,

Com carinho e com estímulos ao imaginário e com a valorização dos estudos, do crescimento intelectual e afetivo, conseguiremos criar crianças mais felizes. No futuro, serão felizes adolescentes e adultos, pais e

educadores. A criança tem que se sentir criança e não um adulto em miniatura. [...] (JOSÉ, 2009, p.13).

Assim, é fundamental que as crianças vivenciem a história contada, que possam interagir e se sentir parte do contexto literário. Para Barcelos (2013, p. 16), “a imaginação é uma arma criadora para dar sentido às representações que desenvolvemos, ou seja, serve para atribuir um sentido real naquilo que queremos criar e aprender.” Nesse sentido, proporcionar estímulos para que a imaginação da criança possa fluir por meio das narrativas literárias torna-se uma possibilidade de desenvolvimento de novos conhecimentos, interagindo e conectando ao seu contexto, produzindo sentido e autoria (BARCELOS, 2013).

José (2009) explica que, enquanto autor, escreve para crianças, pois acredita que a leitura pode envolvê-las de forma afetiva e emocionalmente, e através de histórias e poemas pode levá-las, de maneira lúdica, para criativos cenários. Ou seja, uma narrativa literária apropriada estimula a imaginação, remete para distintas épocas, lembranças pessoais ou, até mesmo, sensações, porque a

literatura é um jogo de palavras com o mais alto grau de envolvimento poético. É apelo aos sentimentos humanos e aos cinco sentidos. [...] Permite que embarquemos numa viagem gostosa, cheia de formas, cores, sabores, cheiros, pessoas, lugares e cenas (JOSÉ, 2009, p.18).

A literatura infantojuvenil, além de ter esse lado lúdico, de fazer com que o leitor abra a mente para viajar na imaginação, também faz com que os professores possam planejar momentos para reflexão e ampliação de sentidos sobre o que os alunos lêem. Nesse sentido, Paula e Fernandes (2014, p. 599) consideram que,

[...] ao tomar a literatura infantojuvenil como material de trabalho com o letramento dos alunos, o professor pode desenvolver atividades ao mesmo tempo lúdicas e eficientes, sem tomar o texto literário como objeto de estudo gramatical, mas sim, refletir e produzir sentidos sobre o que leram.

As autoras ainda chamam a atenção sobre a compreensão de que a literatura não deve ser colocada em segundo plano, pois é uma atividade decisiva na vida do aluno e do cidadão: “[...] ao tomar a literatura infantojuvenil como material de trabalho com o letramento dos alunos pode-se desenvolver atividades não só lúdicas, mas também eficientes no que diz respeito ao domínio das palavras.” (PAULA; FERNANDES, 2014, p. 591).

Para José (2009), a palavra tem poder e vários destinos para um mesmo texto. Um exemplo disso é quando, a partir da leitura, são feitas interpretações de

variadas linguagens, partindo do pressuposto de que existem várias formas de expressão, afinal a palavra tem vários sentidos. Por isso,

é preciso todo cuidado ao ler o mundo e ao ler o mundo no livro! É preciso muito cuidado com a palavra dita e, sobretudo, com a palavra escrita! As variadas faces da palavra têm o poder de encantar, de denunciar e de esclarecer, mas também de iludir, de enganar. É preciso reforçar o nosso poder de leitura (JOSÉ, 2009, p.23).

De acordo com o autor, a leitura faz com que os alunos analisem e criem um empoderamento sobre a leitura, desenvolvendo a capacidade de jogar com as palavras e suas variadas expressões em diferentes contextos, possibilitando que se expressem e reconheçam as potencialidades do que estão lendo. Chaves e Barcelos (2015, p. 50) consideram, nesse sentido, que

Há determinadas leituras que são impostas e não se conectam com a subjetividade do leitor. Então, aquilo que pensamos ter absorvido se perde, uma vez que conseguimos guardar apenas o que é significativo. Mas, e aquelas leituras que “devemos” ler, que constam como “oficiais” e que não estão ligadas à subjetividade do leitor? Podemos dizer que elas não são apreendidas? Consideramos que isso não significa que não aprendamos; entretanto, é apenas um conhecimento que passará por nós para sabermos aquilo que não sabíamos.

Os autores supracitados questionam as leituras obrigatórias, que ocupam o contexto de sala de aula e, por vezes, não trazem sentido para os alunos, mas que “devem” ser mantidas. As autoras exploram as possibilidades de o aluno aprender ou não com uma leitura que não se aproxima das suas vivências ou que não há atribuição de significado. É necessário estar ciente de que, ao realizar esse exercício, o aluno poderá saber a respeito de um assunto que antes não lhe era conhecido, mas são as experiências mais aprofundadas com a literatura, com as quais ele possa realmente vivenciar momentos literários, que lhe farão significar tais conhecimentos de modo autoral.

## 2.2 REPERTÓRIO LITERÁRIO NO CONTEXTO DA FAMÍLIA

Durante muito tempo, a educação da criança foi considerada uma responsabilidade das famílias ou do grupo social ao qual ela pertencia. Era junto aos adultos e outras crianças com os quais convivia que a criança aprendia a se tornar membro deste grupo, a participar das tradições que eram importantes para ele e a dominar os conhecimentos que eram necessários para a sua sobrevivência material e para enfrentar as exigências da vida adulta (SCHIAVON, 2015, p. 9).

Schiavon (2015) traz uma importante contribuição para este estudo, pois trata-se de uma pesquisadora sobre infâncias e, no excerto, retoma a atribuição da educação da criança no contexto familiar, especialmente quando fala da convivência com os adultos no grupo familiar como necessária para “enfrentar as exigências da vida adulta”, remetendo à função da família durante muito tempo. Assim, é possível deduzir que as experiências vividas nesse grupo social ensinam modos de ser e estar no mundo.

Trazendo para discussões mais contemporâneas, podemos observar que, ao longo dos anos, a sociedade mudou e continua em transformações, visto que anos atrás, por exemplo, a família era a única responsável pela educação da criança para que ela aprendesse a como sobreviver no grupo social.

Porém, com as mudanças de modelos econômicos e sociais, especialmente na idade moderna, as estruturas mudaram, os modelos de famílias passam a ser diversos e outro importante contexto social se insere na vida das crianças, a escola. José (2009, p. 10) afirma que

a sociedade mudou muito. Mudaram os costumes e, logicamente, as pessoas mudaram. O universo do adulto cada vez mais se afasta do universo da criança. Pais e mães não têm tempo para estar com elas. Precisam trabalhar estudar, vencer profissionalmente.

Nesse sentido, passo a me questionar sobre esse deslocamento de papéis das famílias. São muitos os desafios da vida contemporânea, é necessário conciliar, por vezes, estudo, trabalho e a educação das crianças. Em muitos casos, grande parte do seu tempo, a criança passa na escola e/ou com cuidadores.

Será que existem hábitos de contação de histórias na rotina das famílias? Será que a cultura literária, ainda que com um repertório de contos tradicionais, mantém-se viva nas famílias? Ou será que são os links do *youtuber* que ocupam esse papel?

Para Balça, Azevedo e Barros (2017), mesmo convivendo na era digital, o domínio da leitura é de extrema importância para que possamos nos comunicar no mundo em que estamos vivendo. Por isso, os ambientes escolares seguem preocupados em formar leitores. As famílias, por sua vez, desempenham um papel muito importante nesse processo, visto que podem ser consideradas uma potente mediadora da leitura, ou seja, em casa, as crianças podem ter acesso e vivenciar o

hábito da leitura de diversas formas, como, por exemplo, a partir de um livro, revista ou jornal.

Assim, de acordo com as autoras, a família possui dois atributos como mediadora da leitura: o de aproximador, ou seja, cabe a ela aproximar as crianças dos livros, desde bebês, fazendo com que os manipulem como brinquedos, possibilitando que conheçam diversos modelos e texturas, de forma prazerosa; e o de modelador, em que a família, com o seu hábito de ler, será o estímulo, o primeiro modelo de leitor que a criança conhecerá.

Para tanto, a família precisa estar ciente da importância de tal processo, não só pelo hábito de ler que pode ser despertado na criança, mas também por tudo que será oportunizado a ela, como, por exemplo: a formação identitária, desenvolvimento da imaginação e reconhecimento do mundo a sua volta. Contudo, como apontam Balça, Azevedo e Barros (2017, p. 718), muitas vezes, a família desconhece essa importante função, contribuindo pouco para o desenvolvimento do hábito de leitura ou ainda usando-a como punição:

[...] Infelizmente, ainda é comum as famílias associarem a leitura a um castigo ou mesmo à perda de tempo; ainda é frequente a oferta e a compra de outros objetos em vez de livros, mesmo quando a criança manifesta preferência por eles.

Tratar desse tema com as famílias torna-se, pois, uma necessidade emergente, o que demonstra, ainda mais, a relevância deste estudo, considerando o caminho que busquei para contribuir no contexto da escola enquanto professora. Vejo, nesse sentido, que é possível ampliar e investir em alternativas para a promoção da leitura das crianças, como um passeio a biblioteca pública ou a livrarias e sebos, demonstrando ser esta uma opção de diversão. Dessa forma, a parceria entre família e escola pode produzir uma forma de educação literária, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento do gosto e prazer com as experiências literárias e criar uma rotina de leitura (BALÇA; AZEVEDO; BARROS, 2017).

Conforme já visto com Schiavon (2015), em outros tempos, as crianças eram ensinadas em casa, por suas mães ou por um tutor que se deslocava até a casa da criança para lhe ensinar sobre assuntos, como história, por exemplo. Ao longo dos anos, isso foi se modificando e, com a invenção das escolas, surgiram novos métodos de ensino, fazendo com que as crianças aprendessem a conviver em grupos sociais diversos e com as diferenças de cada um de seus colegas, tornando

o ambiente escolar uma potente introdução da criança na dimensão de vida a ser vivida em sociedade. Esse processo, segundo Zilberman (2003, p. 21),

[...] acentua a divisão entre o indivíduo, e a sociedade, ao retirar o aluno da família e da coletividade, encerrando-o numa sala de aula em que tudo contraria a experiência que até então tivera. Em vez de uma hierarquia social, vive uma comunidade em que todos são igualados na importância: perante a autoridade do mestre [...].

Essa função da escola enquanto formadora para uma vida em sociedade não pode ser isolada, mas construída em conjunto com a família. Com relação à leitura, que vai além do código e contempla uma leitura de mundo e uma educação literária, é possível reafirmar que

a formação de mediadores de leitura, como promotores de encontros positivos entre o livro e a criança é, a nosso ver, uma iniciativa que deve partir também da escola. A necessidade de olhar as famílias como parceiras conaturais para a educação literária é óbvia (BALÇA; AZEVEDO; BARROS, 2017, p. 719).

Em muitas escolas, existem projetos de leitura que buscam envolver tanto as crianças quanto as famílias, buscando convocar as famílias a participarem do processo de mediação da leitura, incentivando as crianças. Para Balça, Azevedo e Barros (2017, p. 719),

Uma das mais-valias desses projetos é possibilitar às famílias uma tomada de consciência sobre qual a sua função como primeira mediadora de leitura com suas crianças. Muitas famílias estão longe de imaginar a importância desse seu papel; muitas famílias estão longe de saber como poderão desempenhá-lo. Ao estarem envolvidas com as suas crianças nesses projetos de leitura poderão aí encontrar uma consciencialização e um estímulo para essa tarefa.

Quando a escola e a família conseguem essa articulação, os resultados são muito produtivos para todos os envolvidos. Ao citarem alguns projetos realizados em escolas, as autoras explicitam o projeto “LER + EM FAMÍLIA”, que consiste no incentivo à leitura de livros entre as crianças e suas famílias.

O Plano Nacional de Leitura, criado em 2006, iniciou através desse projeto e é estruturado a partir de

pequenos projetos destinados às famílias das crianças, consoante a sua idade e o nível de ensino que frequentam. Essas iniciativas estão alocadas na instituição escolar, procurando-se, assim, que os docentes, interlocutores privilegiados dos pais, trabalhem as questões da promoção do livro e da leitura de forma integrada, com as crianças e com as respectivas famílias (BALÇA, AZEVEDO, BARROS, 2017, p. 720)

Em maneiras gerais, o projeto<sup>1</sup> contém uma mochila, cujo objetivo é fazer o trajeto escola-casa dos alunos, possibilitando que eles possam realizar a leitura dos livros expostos. Após a leitura, os alunos devem expor aos familiares e professores as experiências vivenciadas com o material disponibilizado e, após o processo, a mochila volta à escola.

Assim como esse, muitas escolas possuem projetos para trazer a família para escola e fazer com que juntos consigam fazer com que a rotina de leitura seja ampliada. Nessa perspectiva, as autoras Paula e Fernandes (2014, p.591) nos trazem que “o trabalho com os livros literários no ambiente escolar, e em especial nas séries iniciais, deve ajudar o aluno a desenvolver as suas capacidades leitoras.” Assim sendo, “ao tomar a literatura infantojuvenil como material de trabalho com o letramento dos alunos pode-se desenvolver atividades não só lúdicas, mas também eficientes no que diz respeito ao domínio das palavras” (PAULA; FERNANDES, 2014, p. 591).

Ainda sobre a referência de os projetos partirem da escola, Kirchof e Bonin (2016, p.26) contribuem, afirmando que

[...] a escola continuou sendo o lugar privilegiado para o consumo das obras literárias infantis e infantojuvenis. O mercado desses livros se expandiu devido aos programas de incentivo do governo, existentes desde a década de 1960, tais como a Fundação do Livro Escolar, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, a Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, entre outros (Lajolo, 1986). Atualmente, destaca-se o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), instituído em 1997 e executado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento e Educação (FNDE), em parceria com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (SEB/MEC). O principal leitor da literatura infantil contemporânea, portanto, não é simplesmente a criança, mas a criança escolarizada.

A escola é, assim, um local privilegiado que possibilita à criança o contato com os livros. Nesse sentido, destaca-se que, nas últimas décadas, o governo federal tem investido em projetos para formação de leitores, por meio dos quais as escolas recebem livros de diferentes gêneros para o incentivo à leitura de obras literárias infantis e infantojuvenis.

Inspirada pelos autores e na atuação no contexto da escola há, ainda, muitas oportunidades de criar alternativas de aproximação da escola e da família, principalmente por meio de estudos de como são as culturas familiares em relação ao hábito da leitura. Dessa forma, é possível contribuir com novas abordagens que

---

<sup>1</sup>Disponível em:<<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/lermaismfamilia/>>.

possibilitem uma parceria efetiva entre escola e família para a produção de uma educação literária e uma relação mais efetiva da criança com a leitura.

### 3. METODOLOGIA

Este trabalho está voltado para uma pesquisa no campo da educação, em que foi investigado quais são as possíveis contribuições da família no contato das crianças com a literatura infantojuvenil: Que experiências literárias são proporcionadas no contexto familiar?

Essa questão da contribuição da família com a criança no contexto da leitura sempre me deixou muito inquieta, pois, na infância e adolescência, me perguntava por que as minhas colegas pareciam ter gosto pela leitura, enquanto para mim era uma obrigação ler. Eu nunca soube explicar, uma vez que tínhamos na escola as mesmas atividades, mediadas pela mesma professora.

Lembro-me de viver momentos de contato com narrativas literárias com meus familiares. Como minha mãe trabalhava muito, meu pai estava mais presente e, quando eu estava me acomodando para dormir, lembro que pedia a ele para que me contasse uma história e, então, ele me contava uma história clássica, mas não lia um livro. Será que essa cultura oral acabou não contribuindo para despertar o gosto pela leitura de textos?

Assim, senti-me motivada a compreender mais sobre as práticas de narrativas literárias nas famílias, com o objetivo de investigar com que frequência os pais incentivam as crianças à leitura, contribuindo para o desenvolvimento do hábito da leitura.

A partir da definição do tema de pesquisa, defini que o método seria o qualitativo. De acordo com Guerra (2014, p. 10),

nesse posicionamento teórico, a vida humana é vista como uma atividade interativa e interpretativa, realizada pelo contato das pessoas. Os procedimentos metodológicos, então, são do tipo etnográfico, como por exemplo: observação, entrevista, histórias de vida, dentre outros.

Assim sendo, optei por dois métodos de coleta de dados: entrevista com crianças de 10 a 11 anos e aplicação de um questionário para os pais dos entrevistados, para uma melhor forma de compreender a contribuição da família no contexto da leitura. A partir disso, realizei uma análise qualitativa dos dados, buscando preservar a identidade dos entrevistados.

Quanto a isso, Guerra (2014, p. 17) explica que “a pesquisa qualitativa trabalha geralmente com pessoas e com suas criações e estes sujeitos de pesquisa

devem ser compreendidos como atores sociais, respeitando suas opiniões, crenças e valores.” A seguir, são apresentados os instrumentos.

### 3.1 SOBRE OS INSTRUMENTOS PARA FAMÍLIA E PARA A CRIANÇA

Para alcançar os objetivos propostos, enviei aos responsáveis pelas crianças um questionário e o termo de autorização (para a criança e para o adulto responsável), a fim de analisar e comparar o envolvimento literário dos familiares com seus filhos. O questionário teve 4 questões norteadoras, sendo elas:

1. Você possui o hábito de ler? O que você gosta de ler?
2. Você costuma ler para (nome da criança)? Em caso positivo, qual o tempo semanal que costuma dedicar a esse hábito?
3. Como são esses momentos de leitura?
4. A escola de seu filho tem algum projeto de leitura? Os pais participam de atividades ou são convidados a participar?

Já o segundo recurso da coleta de dados foi uma entrevista com as crianças. Optei pela entrevista para uma melhor coleta de dados, pois, ao responder às questões através do questionário, as respostas das crianças poderiam cair na obviedade, como ficar entre o sim ou não.

Importante ressaltar que a entrevista com as crianças foi conduzida com perguntas-chave e, conforme a fala do entrevistado ia se desenvolvendo, foram conduzidas perguntas de cunho subjetivo a respeito da temática em estudo. Segundo Guerra (2014, p. 10), “os estudiosos que se dedicam a esse tipo de pesquisa afirmam que o homem é diferente dos objetos, por isso seu estudo necessita de uma metodologia que considere essas diferenças.”

A partir da entrevista, consegui respostas mais produtivas e completas para poder analisar. Ao escolher entrevistas com as crianças, pensei em como seria gratificante ver suas expressões ao falar sobre o gosto pela leitura, pois através da conversa ficaria evidente se a criança estaria confortável com o tema ou não. Para a entrevista dialogada, preparei 5 perguntas, sendo elas:

1. Você gosta de ler?

2. O que você costuma ler? E o que mais gosta de ler?
3. Na sua casa, as pessoas costumam ler?
4. Há momentos em que realizam a leitura juntos? Caso sim, como são esses momentos?
5. Na escola existem projetos de leitura? Você participa? Sua família é convidada a participar?

Consoante Barcelos (2013), o sujeito constrói sua identidade conforme ele interage nas relações sociais, ou seja, com outras pessoas. A partir disso, são compreendidas as identidades narrativas, como quando o indivíduo atua em seu meio social, absorvendo a cultura e valores sociais desse contexto.

Nesse sentido, podemos considerar o processo educacional do sujeito, pois a relação de escutar e ler histórias é um processo que pode gerar aprendizagens muito significativas, ou seja, as histórias que lemos e ouvimos, ajudam a nos relacionar com o mundo que nos cerca e, além disso, a transformar nossa identidade através das narrativas de cada sujeito (BARCELOS, 2013, p. 17).

Nessa perspectiva, podemos compreender que escutar as crianças é prestar atenção à sua narrativa de vida, o que está diretamente ligado ao modo como a criança vê o mundo. Assim sendo, torna-se imprescindível que para compreender a respeito da importância do universo da leitura infantojuvenil se escute as crianças, pois ouvir o outro é entender como seu mundo se caracteriza e expressa.

Quem sou eu e quem é esse outro? Essa distinção se estabelece na relação entre eu e o outro, na minha relação com esse outro que pode ser visto de várias maneiras e, desse outro comigo (que sou o outro do outro, fato que é esquecido, na maioria das vezes). Eu e o outro somos resultado dos discursos que nos constituem, somos uma criação da linguagem, somos 'crias' da cultura e do social (ROOS, 2001 *apud* BARCELOS, 2013, p. 37).

Buscou-se, então, conduzir as entrevistas a partir dessa perspectiva, entendendo o desafio e partindo do pressuposto de que a criança é um sujeito com suas especificidades e cultura específicas.

Com os registros gravados das entrevistas e a transcrição, bem como as respostas dos familiares aos questionários, segui a para a etapa de análise do conteúdo produzido por essas falas.

### 3.2 ESCOLHA DOS PARTICIPANTES

A realização da pesquisa ocorreu em 2019/2, antes da pandemia da covid-19<sup>2</sup>. Optei por procurar uma escola do bairro onde resido, a qual possui o perfil de aluno que poderia contribuir com respostas para a minha questão de pesquisa na faixa etária de 10 a 11 anos. Considerei tal idade por compreender que a reflexão sobre as questões da narrativa pode ser interessante para o contexto de estudo sobre a experiência com as histórias e a leitura. Foi limitada a amostragem da pesquisa em 4 crianças e 4 responsáveis, considerando a temporalidade limite para a realização do TCC e as minhas condições pessoais para a análise.

A escola escolhida situa-se no município de São Leopoldo e os alunos frequentavam a turma do 6º ano. Ao chegar à escola, entrei em contato com a professora regente da turma e expliquei o objetivo da pesquisa. Apresentei-lhe o termo de autorização para pesquisa, assim ela me indicou 4 crianças para a realização da entrevista. Combinamos, também, o envio do Termo de Consentimento e do questionário para as famílias das crianças, o que foi realizado pela professora em questão.

Primeiramente, foi enviado um bilhete às famílias, explicando a pesquisa e seus objetivos, a fim de contextualizar o convite para participação na pesquisa. Com a resposta positiva, foram enviados os questionários e os termos de consentimento (modelo anexado a este trabalho) para as famílias.

Importante salientar que, embora o 6º ano não seja o nível de ensino de atuação da pedagogia, foi escolhido trabalhar com esse nível para agregar à pesquisa, com o objetivo de observar as marcas deixadas nos jovens leitores em relação às experiências vivenciadas com a leitura nos anos iniciais

Iniciei as análises pelas respostas das questões enviadas às famílias, juntamente com as entrevistas das crianças, fazendo com que as respostas se relacionassem entre si. Buscando preservar a identidade dos entrevistados, as famílias foram renomeadas com números, como Família 1, Família 2, Família 3 e Família 4. Já as crianças, foram renomeadas com as letras do alfabeto, como Criança A, Criança B, Criança C e Criança D.

---

<sup>2</sup> Devido à crise pandêmica causada pela Covid-19, em março de 2020, ocorreu o fechamento das escolas brasileiras, fazendo com que o ensino remoto se tornasse uma necessidade para a continuação das atividades relativas à educação, em todos seus âmbitos. Por isso, todas as instituições da sociedade sofreram alterações, reorganizando-se e buscando sua continuidade.

Respectivamente, a família 1 indica a criança A, a família 2 indica a criança B, a família 3, a criança C e a família 4, a criança D. Considero importante contextualizar algumas informações sobre os participantes, conforme segue no Quadro 1, elaborado a partir do relatório fornecido pela professora regente de turma e das entrevistas realizadas.

**Quadro 1- Contextualização das famílias**

<b>Família 1</b>	<b>Família 2</b>	<b>Família 3</b>	<b>Família 4</b>
Esta família é composta pela mãe e pela filha. Os pais da criança são separados. Elas se mudaram para São Leopoldo há pouco tempo e contam com a ajuda da avó no decorrer dos dias.	Esta família é composta pelo pai, mãe e duas crianças. Os pais estão em processo de separação. A mãe não quis responder ao questionário, então o pai respondeu.	Esta família é composta pelo pai, mãe e duas crianças. Os pais procuram sempre participar do desenvolvimento das crianças, tanto em casa como na escola.	Esta família é composta pela mãe, filha e o padrasto. A criança fica em casa em determinados turnos pelos cuidados da avó emprestada e, em outros, vai para a escola. Os membros da família estão sempre muito ocupados e pouco participam na escola, nos eventos e obrigações com a criança.

Fonte: elaborado pela autora

**Quadro 2 - Contextualização das crianças**

<b>Criança A Menina, 10 anos</b>	<b>Criança B Menino, 11 anos</b>	<b>Criança C Menina, 11 anos</b>	<b>Criança D Menina, 10 anos</b>
É uma criança bem extrovertida, com facilidade para falar. Durante a entrevista, a criança se desenrolava com naturalidade para dar as respostas.	É uma criança com muita timidez e suas respostas foram bem óbvias.	É uma criança carinhosa, que expressa muito cuidado com suas falas, sempre buscando avaliar se estava falando com clareza. Além disso, observava tudo o que tinha no ambiente ao nosso redor.	Esta criança tinha conhecimento prévio sobre mim, e eu sobre ela, por isso ela estava à vontade em responder as questões e a conversa fluiu naturalmente.

Fonte: elaborado pela autora

No capítulo a seguir, apresento como organizei o conteúdo trazido nas falas das crianças e de seus familiares por meio dos questionários e das entrevistas. Além disso, apresento as unidades de análise com minhas interpretações e aproximações com os estudos que realizei para a pesquisa.

## 4 UNIDADES DE ANÁLISE

Ao me debruçar sobre as respostas dos participantes, busquei responder às questões de pesquisa: Quais as contribuições da família no contato das crianças com a literatura infantojuvenil? Que experiências literárias são proporcionadas no contexto familiar?

Foi dedicado um tempo maior para ler e reler todas as questões que enviei para as famílias e relacioná-las com as questões realizadas nas entrevistas com as crianças, para, então, poder elaborar como seria organizada a análise das narrativas. Então, após um longo período, utilizado para estudar todas as respostas, relacionando-as com o problema de pesquisa, resolvi agrupar as recorrências das respostas, constituindo, assim, duas unidades de análise: a primeira consiste nas contribuições da família e a segunda nas experiências literárias e a família apresenta para seus filhos.

Esse processo foi realizado a partir da separação das respostas coletadas, separando-as conforme sua relação com as unidades de análise, sendo a primeira evidenciada as contribuições da família e a segunda a análise das respostas das crianças.

### 4.1 UNIDADE DE ANÁLISE: CONTRIBUIÇÕES DA FAMÍLIA

O escritor José (2009), nos conta em seu livro que as grandes influenciadoras para que ele se tornasse escritor, foram sua avó e sua mãe, além dos grandes escritores que o inspiraram. Entretanto, a “influência maior, o que levou a tornar-me escritor foram as histórias contadas por minha avó libanesa e os livros que minha mãe me dava para ler, sempre com palavras estimuladoras.” (JOSÉ, 2009, p. 96).

A família tem, pois, um grande papel no desenvolvimento do gosto literário das crianças, sendo um dos maiores influenciadores para o gosto pela leitura. Nesse sentido, é possível afirmar que o estímulo à leitura deve ultrapassar os muros da escola, devendo também ser realizado pelos familiares no âmbito do lar, através de contos, gibis, revistas, entre outros meios.

A seguir, apresento a sistematização que fiz com base nas respostas trazidas pelas famílias em cada uma das questões. Procurei trazer sínteses em quadros que

me ajudaram a responder ao problema de pesquisa, buscando compreender a relação dos leitores infantis com as práticas literárias das famílias.

### Quadro 3 - Você possui o hábito de ler? O que você gosta de ler?

Família 1	Família 2	Família 3	Família 4
Sim, leituras variadas, como jornais, revistas e livros. Dentre eles, Caio Fernando de Abreu, Paulo Coelho e Érico Veríssimo.	O pai não tem o hábito de ler, mas a mãe da criança possui e incentiva muito ele e seu irmão a gostarem de ler.	Sim, contos e romances.	Quando mais nova, a mãe conta que tinha o hábito de ler revistas, mas hoje não possui mais esse hábito, passando a maior parte do tempo conectada à internet.

Fonte: elaborado pela autora

### Quadro 4 - Você costuma ler para a criança? Em caso positivo, qual o tempo semanal que costumam dedicar a esse hábito?

Família 1	Família 2	Família 3	Família 4
Sim, uma vez na semana.	O pai relatou que trabalha muito e não tem tempo. Entretanto, sua esposa sempre tem esse momento. Não possuem um tempo semanal, mas quando as crianças pedem antes de dormir.	Sim, todos os dias antes de dormir a família tem o horário da leitura com a criança.	Não possuímos esse hábito em casa, pois com a era digital o celular se faz mais presente que o livro.

Fonte: elaborado pela autora

Ao analisar as respostas das questões 1 e 2, vemos que metade das famílias entrevistadas têm o hábito da leitura. Quando questionados se eles costumam ler para as crianças, três das quatro famílias indicaram que realizam a leitura às crianças, entretanto, foi exposto pela família quatro que o hábito de leitura se ofuscou com a era digital, fazendo com que o celular se tornasse mais presente na vida de todos.

Aqui se tem uma justificativa para a falta de leitura nas famílias brasileiras no século XXI. Com o avanço da tecnologia e o seu alcance à maioria da população, o prazer pela leitura pode se tornar algo escasso visto as múltiplas formas de interação a que as crianças estão expostas diariamente. A fixação pela utilização de aparatos tecnológicos, como celulares, computadores e tablets, abre um mundo de acesso e possibilidades, como jogos e redes sociais, por exemplo, mas também

pode firmar um impedimento do interesse pela leitura. Formiga (2009, p. 24) afirma isso ao dizer que “As tecnologias do mundo moderno afastam as pessoas do convívio com os livros, resultando num elevado índice de jovens desestimulados a ler e escrever.”

Barcelos (2013, p. 20) destaca, nesse sentido, que

Hoje a humanidade vive cada vez mais no espaço cibernético. E é neste espaço de interação humana que se tem uma grande expressividade no aspecto econômico e científico, com isso, esse campo se expande a outras áreas, como, na Pedagogia. [...] A velocidade em que recebemos uma informação está relacionada à grande transformação da comunicação, pois estamos vivendo em um contexto em que as mensagens são interativas e as pessoas podem se tornar emissoras de informação.

O contato das crianças com a tecnologia, relacionando-a à escrita e à leitura, pode mudar o papel da sua utilização na vida delas. A utilização da tecnologia no espaço escolar pode potencializar novos conhecimentos, por meio da apropriação da linguagem, possibilitando a aquisição de novos modos cognitivos de estruturação e funcionamento humano (BARCELOS, 2013). Com a tecnologia, o hábito da leitura de livros físicos tem diminuído, visto que o computador e os diversos dispositivos eletrônicos têm tomado maior tempo na vida das pessoas. Por outro lado, a tecnologia pode ser utilizada para contribuir com o hábito da leitura, considerando que ela também pode ser realizada em tais dispositivos. (BARCELOS, 2013)

Por isso, a necessidade da articulação das tecnologias e mídias com o contexto da escola e das práticas de leitura, visto que a escola não pode evitar o impacto da tecnologia na sociedade. E, ainda,

A criança não se alfabetiza apenas com a leitura e a escrita, mas com todo contexto que envolve os meios da tecnologia, pois sabemos que para além de ler e escrever há outras linguagens que se pode trabalhar a alfabetização. Para isso, devem ser consideradas as condições e a necessidade de cada contexto, por esta razão que a internet e computadores devem ser uma rede de comunicação, de cultura e de socialização (BARCELOS, 2013, p. 25-26).

Por isso, devem ser criadas oportunidades de realizar atividades de leitura também por meio da tecnologia digital, ultrapassando possíveis desafios. Dessa forma, possibilita-se que a sala de aula e o ambiente familiar, buscando qualidade e desenvolvimento da autonomia dos alunos, gerem um interesse pela leitura, tanto em casa quanto no ambiente escolar.

### Quadro 5 - Como são esses momentos de leitura?

Família 1	Família 2	Família 3	Família 4
São momentos relaxantes, que trazem conhecimento, cultura e bem-estar.	Esse momento costuma ser de grande alegria e aprendizado para os meninos.	Bom, com atenção e entusiasmo e curiosidade pelo desenvolvimento e final da história.	Como não há um momento para leitura, a pergunta não obteve resposta.

Fonte: elaborado pela autora

Cabe ressaltar que os momentos de leitura são expostos como momentos relaxantes, de adição de conhecimento, momentos esses que trazem alegria e entusiasmo a todos os membros da família. A partir desses momentos diários, o hábito da leitura pode ser introduzido na vida das crianças, fazendo com que isso perpassa por todas as idades.

Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional. E a palavra paixão pode referir-se a várias coisas (BONDÍA, 2002, p. 24).

Crianças que vivem experiências literárias nas famílias produzem sentidos e significados diferentes sobre a leitura. Bondía (2002) explica que a experiência possibilita suspender o automatismo da ação, cultivando a atenção e a delicadeza, abrindo os olhos e os ouvidos, aprendendo, escutando e cultivando a paciência.

### Quadro 6 - A escola tem algum projeto de leitura? Participam de atividades ou são convidados a participar?

Família 1	Família 2	Família 3	Família 4
No primeiro semestre, a criança estudava em outra escola e lá tinha um projeto chamado "A Hora do Conto", em que, após a leitura, o aluno traçava um projeto referente ao conteúdo lido. Mas agora, a atual escola da criança tem apenas a biblioteca, eles são incentivados a pegar um livro por semana, quando há alguém para abrir a biblioteca.	Não possui.	Tem a ficha de leitura que eles pegam um livro na biblioteca, mas faz um tempo que não tem acontecido, pois não tem profissional para a biblioteca.	Não tem projetos, costumam pegar um livro na biblioteca, mas a criança não gosta de ler.

Fonte: elaborado pela autora

Nessa conjuntura, a escola das crianças, apesar de não possuir um projeto de leitura, tem uma biblioteca, onde as crianças podem retirar livros. Todavia, existe um problema: a biblioteca não possui um funcionário fixo, dificultando essa relação da criança com a leitura.

A leitura é essencial para o desenvolvimento da criança, tanto pela questão de aprendizagem quanto para o intelecto. Contudo, não somos inseridos nesse universo por nós mesmos, ou seja, para a construção desse gosto e hábito da leitura, é preciso que a criança seja incentivada, seja pela família ou pela escola, com programas e projetos que incentivem tal hábito.

A construção do conhecimento e todos os processos investigativos que a essa construção conduzem, assentam em leituras reflexivas sobre investigações e comunicações realizadas anteriormente. [...] Ler é importante para fundamentar e aperfeiçoar as diferentes atividades propostas na escola. Aqui acentuam-se os aspectos informativo e formativo da leitura, acompanhada de reflexão crítica (SABINO, 2008, p. 3).

Dessa forma, a leitura assume sua importância como estratégia na melhoria do processo de ensino-aprendizagem, contribuindo, assim, para um melhor desenvolvimento das crianças, de suas capacidades de análise reflexiva e crítica (SABINO, 2008). A leitura é fundamental para a construção e a aquisição do conhecimento, assim como para o desenvolvimento cognitivo, social e cultural em sociedade. O desenvolvimento desse conhecimento está diretamente relacionado com o ambiente em que a criança está inserida, pois cada família conta com um tipo de interpretação e leitura do mundo.

A seguir, dou continuidade às análises, trazendo a perspectiva das crianças sobre as suas experiências literárias, constituindo, assim, a segunda Unidade de Análise.

#### 4.2. UNIDADE DE ANÁLISE: EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS QUE A FAMÍLIA APRESENTA PARA SEUS FILHOS

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias...Escutá-las é início de aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo. (ABRAMOVICH, 1994, p. 17 *apud* MIELKE, 2015, p. 9).

Nesta Unidade, procurei sistematizar em quadros as sínteses das respostas que as crianças trouxeram para cada pergunta que lancei nas entrevistas com elas,

sempre tendo em mente que o conjunto das respostas e a articulação com as contribuições das famílias subsidiaram a construção de possíveis respostas para o problema de pesquisa. A seguir, apresento os quadros analíticos e minhas interpretações sobre o conteúdo das narrativas das crianças.

#### Quadro 7 - Você gosta de ler?

Criança A	Criança B	Criança C	Criança D
Sim, a criança adora ler e acha que é muito bom. Relata que, quando está em casa, sem ter o que fazer, sempre procura algum livro para ler, porque isso é muito bom.	Sim, a criança gosta.	Sim, a criança gosta.	A criança relatou que não gosta de ler e que tem dificuldade, então prefere jogar no celular.

Fonte: elaborado pela autora

#### Quadro 8 - O que você costuma ler? E o que mais gosta de ler?

Criança A	Criança B	Criança C	Criança D
A criança relata que lê livros que ensinam alguma coisa. Gosta também de poesia, comédia, romance e leituras infantis.	A criança relata que gosta do livro do Felipe Neto e da coleção do livro “Diário de um banana”.	A criança gosta de gibis e contos de fadas.	A criança só lê os livros da escola, ela relata até ter vários livros em casa, mas não se interessa em ler.

Fonte: elaborado pela autora

Estudando as respostas das crianças, observa-se que 3 delas gostam de ler e têm esse hábito em suas vidas. Além disso, os gostos são diversos, sendo compostos por romance, gibis, contos de fadas, comédia, poesia e até são citados livros específicos, como a coleção “Diário de um banana”.

Em especial entre as crianças A e a D, observa-se que, além de a criança A ter o gosto pela leitura mais desenvolvido, se comparado à criança D, ela também tem o vocabulário e a maneira de responder às questões de forma mais desenvolvida que a criança D. Quando nos deparamos com a resposta da criança A, nós podemos afirmar que com a ajuda e o incentivo de sua responsável, ela aprendeu a gostar de ler, fazendo com que os livros façam parte de sua infância, a leitura para ela claramente é um prazer.

Se consideradas as crianças A, B e C em comparação com a criança D podemos afirmar que o hábito de leitura da criança está diretamente ligado ao incentivo no âmbito familiar, visto que, mesmo com os problemas em questões de estrutura da biblioteca e seus serviços, as crianças ainda têm o hábito e o prazer de ler, pois são incentivadas em casa.

Como exemplifica Paulo Freire (1981 *apud* PINTO, 2016, p. 18), o processo de ler e escrever não se resume somente em memorizar sílabas ou palavras, é também um processo de reflexão crítica a respeito do ato de leitura e escrita, porque a leitura deve estar diretamente ligada à compreensão da transformação do mundo. A alfabetização cabe destacar, está diretamente relacionada à elaboração constante de reflexão crítica, assim como na permanente argumentação e contra-argumentação, exercícios essenciais para a vida em sociedade (PINTO, 2016). Elencado a isso, essa relação da leitura com a visão de mundo pode ser compreendida a partir da visão de que

Um leitor, ao entrar em contato com o texto, faz hipóteses sobre o que vai encontrar pela frente: é a previsão quanto à natureza e quanto ao conteúdo da escrita. Enquanto lemos, estamos constantemente fazendo indagações e somos capazes de buscar respostas para tais indagações. Prever, então, significa formular perguntas, hipóteses; compreender, significa encontrar respostas, soluções (ZEN, 2011, p. 87).

A leitura, como um hábito, um prazer, é uma benesse para a vida em sociedade, visto que ler e escrever, assim como saber argumentar, são práticas sociais necessárias.

#### **Quadro 9 - Na escola existem projetos de leituras? Sua família é convidada a participar?**

<b>Criança A</b>	<b>Criança B</b>	<b>Criança C</b>	<b>Criança D</b>
A criança diz que em sua antiga escola tinha um projeto de leitura, mas que na atual não tem e que sente muita falta, porque ela adorava o projeto.	A criança relata que não tem projeto, mas que a biblioteca está disponível para pegar livros toda semana, mas que ela não gosta disso porque caso esqueça de devolver o livro no prazo, tem que pagar multa. Por isso, ela lê os que tem em casa, porque sua família sempre lhe dá livros de presente.	A criança indica que pode pegar livros toda a semana na biblioteca, mas que isso não estava ocorrendo porque não tinha ninguém na biblioteca.	A criança relata que é só pegar um livro de seu interesse na biblioteca e que não tem nenhum projeto. Ela diz ainda que na antiga escola tinha um projeto de leitura, mas que sua mãe sempre esquecia de ler para ela, pois trabalhava muito e chegava cansada em casa.

Fonte: elaborado pela autora

A respeito da existência de projetos de leitura na escola, percebe-se que na presente escola não tem. As crianças ainda relatam um problema no processo de acesso à leitura, visto que não existia um funcionário fixo na biblioteca, dificultando o acesso. Três das quatro crianças relatam esse problema, sendo estas as crianças A, B e C, ou seja, crianças que têm em seu dia a dia o hábito da leitura.

A criança D não chegou a relatar tal problema, mas relatou que não existe um projeto em sua escola atual e que na escola antiga tinha. Todavia, sua mãe sempre se esquecia de fazer a leitura para ela, por trabalhar muito e estar sempre cansada.

Essa criança em questão deixa evidente que somente lê o que é obrigada, não tendo o despertar pela leitura, pois ela fala que tem livros, mas não gosta de ler. Então me pergunto, se sua responsável mostrasse os livros e a convidasse para ler, será que esse gosto poderia mudar?

Existem programas e projetos do MEC a respeito do incentivo à leitura, como, em 2019, a criação do programa “Conta pra mim”, que integra a Política Nacional de Alfabetização (PNA), visando ajudar famílias a instituírem o hábito da leitura em casa, estimulando o desenvolvimento dos filhos.

Cabe, assim, destacar que “As histórias apenas nos acrescentam e nos tornam sujeitos questionadores, capazes de muitas habilidades, dentre elas, a interpretação e reflexão.” (MIELKE, 2015, p. 32). As respostas apresentadas à pesquisa, nesse sentido, permitem inferir que a leitura, quando incentivada no ambiente familiar, pode gerar uma resposta extremamente positiva na vida das crianças, assim como na das pessoas ao seu redor.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que partiu de uma inquietação pessoal hoje torna-se uma pesquisa científica: o hábito da leitura, que tanto me instigou ao longo dos anos, foi o que me motivou a realizar esta pesquisa. Compreendo que, com mais tempo e oportunidades, a investigação poderia ter sido realizada de maneira mais aprofundada.

Ao longo deste trabalho de conclusão de curso, busquei responder às seguintes questões: quais as contribuições da família no contato das crianças com a literatura infantojuvenil? Que experiências literárias são proporcionadas no contexto familiar?

A fim de encontrar respostas a essas inquietações, busquei compreender o “como” da situação e entender os fenômenos. Para tanto, foram realizadas entrevistas individuais abertas com quatro crianças, com idade entre 10 e 11 anos, e aplicado um questionário com os pais dessas crianças, no intuito de que fosse realizada uma interpretação simultânea aos resultados obtidos (GUERRA, 2014).

Ao analisar as respostas, relacionando as das crianças com as de seus responsáveis, é possível inferir que a leitura, quando incentivada no ambiente familiar, gera uma resposta positiva na vida das crianças, resultando no interesse pela leitura e no hábito de ler. Essas ações fazem com que as crianças, em determinado momento, busquem a leitura por conta própria. Em contrapartida, quando não incentivada, a criança pode não se interessar pela leitura, procurando outros refúgios para seu tempo livre e vendo a leitura como obrigação. Nesse caso, os momentos de leitura ocorrem apenas nos ambientes escolares ou em livros didáticos obrigatórios.

Ainda, como resultado da pesquisa, é possível considerar, como um motivo plausível à perda do hábito da leitura, interesse exacerbado pela tecnologia, uma vez que as crianças do século XXI encontram-se expostas a celulares, tablets e computadores. Nesse sentido, uma das crianças entrevistadas relatou não gostar de ler, mas de jogar no celular. Tal situação pode ser consequência da falta de estímulo por parte de seus responsáveis, que, no caso, também tem no celular seu passatempo preferido.

Como exposto ao longo do trabalho, o hábito de leitura é um processo constante e contínuo que possibilita a compreensão e leitura do mundo pela criança.

Incentivar esse hábito é possibilitar o desenvolvimento da criança, além de gerar a possibilidade de autonomia e realização de análises sobre a sociedade e as relações. Além disso, ao entrar no mundo da leitura, a criança pode vivenciar experiências únicas e diferentes tipos de emoções, como o amor, a raiva e a felicidade e, ainda, ficar exposta ao mundo da imaginação, um importante componente para o seu desenvolvimento e a sua vida.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 4. Ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- BALÇA, Ângela Maria Franco Martins de Paiva. AZEVEDO, Fernando José Fraga de. BARROS, Lúcia Maria Fernandes Rodrigues. A formação de crianças leitora: a família como mediadora de leitura. **R. Educ. Públ.** Cuiabá, v. 26, n. 63, p. 713-727, set/dez. 2017.
- BARCELOS, Rita de Cássia Guimarães. **ALUN@SCONECTAD@S: ACESSOS EM REDE E INTERESSES EM JOGO**. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Vale dos Sinos. 2013. 51f.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19.
- CHAVES, Juliana Fátima da Silva. **Literatura Infantojuvenil**. São Leopoldo: Unisinos, 2015 (E-book).
- CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis E. **Educação Infantil: Pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DEMO, Pedro. **Leitores para sempre / Pedro Demo**. – 2ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2006. 144 p.
- FONSECA, Edi. **Interações: com olhos de ler**. São Paulo: Blucher, 2012.
- FORMIGA, Cicleide Alves da. **Leitura Nos Anos Iniciais: a construção do hábito de ler**. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores. Paraíba. 2009.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 46ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual Pesquisa Qualitativa**. Grupo Anima Educação, 2014.
- JOSÉ, Elias. **Literatura infantil: Ler, contar e encantar crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2009. 2 ed. Ver. E atual.
- KIRCHOF, Edgar Roberto Roberto, BONIN, Iara Tatiana. Literatura infantil e pedagogia: tendências e enfoques na produção acadêmica contemporânea. **Pro-Posições [online]**. 2016, vol.27, n.2, p.21-46. ISSN 1980-6248.
- MIELKE, Elaine. **O que contam as famílias sobre as histórias narradas às crianças?**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, 2015.
- PAULA, Flávia Ferreira de. FERNANDES, Célia Regina Delácio. Literatura Infantojuvenil, Políticas Públicas de leitura e formação de leitores. **R. Pol. Públ.**, v.18, n. 2, p. 587-601, jul/dez.2014.

PINTO, Fernanda Vieira. **Grupo Focal Com Crianças: O Que Elas Nos Contam Sobre Suas Leituras?**. Monografia (Licenciatura em Pedagogia), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unidade Acadêmica de Graduação. São Leopoldo. 2016.

SABINO, Maria Manuela do Carmo de. Importância educacional da leitura e estratégias para a sua promoção. **Revista Iberoamericana de Educación**. n.º 45/5 – 25 de marzo de 2008.

SCHIAVON, AndréiaBregalda. **A estimulação do Movimento no Desenvolvimento da Criança nos Anos Iniciais**. Monografia (Especialização em Educação Infantil) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, 2015.

ZEN, Maria Isabel HabckostDalla. **História de leituras na vida e na escola: uma abordagem linguística, pedagógica e sociocultural**. 4 ed. Porto Alegre: Mediação, 2011. 128 p.